

Marcas diatópicas no "Léxico de lacunas" (1914), *de Afonso de Taunay*

Ivan Pedro Santos Nascimento
Universidade Federal da Bahia
ips.nascimento@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9255-696X>

RESUMO: Pretende-se, neste trabalho, apresentar um panorama das marcas de uso diatópicas do "Léxico de lacunas, subsidios para os dicionarios da lingua portugueza" (1914), de Afonso de Taunay, com o intuito de discutir o registro da variação linguística em perspectiva lexicográfica. De modo geral, o vocabulário é descrito como um "LÉXICO de termos vulgares, correntes no Brazil, sobretudo no Estado de São Paulo, e de accepções de numerosos vocábulos, ainda não apontados nos grandes dictionarios da língua portugueza" (TAUNAY, 1914, p. 7). O estudo fundamenta-se em Atkins e Rundell (2008), Burkhanov (1998), Hartmann e James (2002) e Welker (2011). A metodologia consistiu na busca das marcas através de palavras-chave no documento digital; tabulação dos dados, análise e discussão. Como resultados, foram obtidas 53 marcas diatópicas e a identificação de informações similares em definições e notas de uso.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico de lacunas. Lexicografia dialetal. Dicionário dialetal. Marcas de uso. Léxico.

DIATOPICAL MARKS OF "LÉXICO DE LACUNAS" (1914), BY AFONSO DE TAUNAY

ABSTRACT: It is intended, in this work, to present an overview of the diatopic usage marks of the "Léxico de lacunas, subsidios para os dicionarios da lingua portugueza" (1914), by Afonso de Taunay, in order to discuss the register of linguistic variation in lexicographical perspective. In general, the vocabulary is described as a "LEXIC of vulgar terms, current in Brazil, especially in the State of São Paulo, and of acceptances of numerous words, not yet mentioned in the great dictionaries of the Portuguese language" (TAUNAY, 1914, p. 7). The study is based on Atkins and Rundell (2008), Burkhanov (1998), Hartmann and James (2002) and Welker (2011). The methodology consisted of searching for usage marks through keywords in the digital document; tabulation of data, analysis and discussion. As a result, 53 diatopic marks and the identification of similar information in definitions and usage notes were obtained.

KEYWORDS: Lexicon of blanks. Dialectal lexicography. Dialectal dictionary. Usage marks. Lexicon.



INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste trabalho, apresentar um panorama das marcas de uso diatópicas do “Léxico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza” (1914), de Afonso de Taunay, com o intuito de discutir o registro da variação linguística em perspectiva lexicográfica, a partir da análise de um segmento particular da microestrutura de um dicionário que, potencialmente, fornece as dimensões sociolinguísticas de um item e suas condições de emprego no exercício sociocomunicativo.

De modo geral, o referido vocabulário é descrito como um “LEXICO de termos vulgares, correntes no Brazil, sobretudo no Estado de São Paulo, e de accepções de numerosos vocábulos, ainda não apontados nos grandes dictionarios da língua portugueza” (TAUNAY, 1914, p. 7). Segundo Horta Nunes (2008, p. 62), a obra de Taunay se situa em um período em que “ainda não haviam surgido os grandes dicionários brasileiros de língua portuguesa”, revelando em seu trabalho um discurso de denúncia a uma produção nacional incipiente e de crítica aos dicionários portugueses tomados como obras de referência, embora carentes de representatividade de uma norma lexical brasileira. Desse modo, “procurou o autor do presente e muito modesto suplemento aos grandes dictionarios da língua, averbar indistintamente, todos os termos ainda não inventariados pelos lexicographos, de que teve conhecimento, sem preocupação alguma de ordem philologica” (TAUNAY, 1914, p. 10-11).

A partir desse contexto de produção, um aspecto que desperta curiosidade é o modo como variedades do português brasileiros seriam contempladas em um produto lexicográfico e quais dispositivos lexicográficos seriam mobilizados nessa grande tarefa de suprir lacunas. Com base em resultados obtidos, pelo pesquisador, no âmbito do mestrado, no projeto de pesquisa “Lexicografia dialetal brasileira: o estado da arte no século XX (1920- 1959)”, em que se identificaram 58 marcas de uso, dentre as quais se manifestavam marcas de uso diatópicas que apontavam manifestações dialetais em diferentes regiões, percebeu-se que uma investigação nesses segmentos informativos poderia constituir uma via de investigação.

Burkhanov (1998, p. 256, tradução nossa) define marca de uso como “tipo de indicador lexicográfico que intenta representar o uso, isto é, os limites no uso de itens lexicais em relação ao tempo, espaço ou circunstâncias comunicativas de interação ditadas pela estrutura de uma dada língua e costumes da comunidade linguística”. Hartmann e James (2002, p. 150, tradução nossa), por sua vez, descrevem como “a marcação de uma palavra ou frase como típica ou apropriada em um contexto particular ou variedade da língua”. Em síntese, percebe-se um consenso na constituição de um espaço ao registro da variação linguística.

É nesse sentido que se busca apresentar um panorama das marcas de uso diatópicas do “Léxico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza” (1914), de Afonso de Taunay, para discutir o registro da variação linguística em perspectiva lexicográfica. Para tanto, será realizada uma discussão sobre léxico, uso e dicionários, uma

apresentação de questões metodológicas para a análise do vocabulário e uma projeção e discussão dos dados.

LÉXICO, MARCAS DE USO E DICIONÁRIOS

Em linhas gerais, pode-se definir o léxico como o repertório de vocábulos de uma língua, revelando-se como uma instância aberta e renovável, não só pelo papel que exerce na prática sociocomunicativa, mas também pela influência dos cenários linguísticos em que os falantes estão inseridos. Biderman (2001, p. 179) conceitua o léxico da seguinte forma:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do Léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico, se expande, se altera, e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Tendo em vista os diferentes domínios em que o léxico se inscreve e suas possibilidades de estruturação e reestruturação ao longo do tempo, por influências socioculturais, há de se considerar como importante a observações de fenômenos inerentes às línguas, como a variação e a mudança, no sentido de entender a constituição desse repertório e seu uso.

Compreende-se a variação como um fenômeno natural das línguas em que se tem ocorrência de variantes, isto é, formatos diferentes para um mesmo valor de referência ou as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2001, p. 8). Notadamente, esse fenômeno ocorre em diferentes níveis de análise, mobilizando diferentes fatores para a sua expressão na língua. Em circunstâncias em que a variação apresenta uma dimensão geográfica, permitindo uma relação entre língua e espaço, caracteriza-se essa variação como diatópica, que consiste a prioridade de registro dos dicionários dialetais e uma categoria relevante para marcas de uso em dicionários gerais, como pode se observar na tipologia de marcas de uso apresentada por Hartmann e James (2002, p. 168), traduzida e adaptada no quadro 1.

<i>Tipo de marcação</i>	<i>Dimensão de uso</i>	<i>Exemplos de escalas</i>	<i>Termo popular para o vocabulário marcado</i>
Diacrônica	circulação (período)	arcaico/obsolescente (contemporâneo) novo/em voga	ARCAÍSMO/NEOLOGISMO
Diaevaluativa	afetividade (atitude)	apreciativo (neutro) depreciativo	EUFEMISMO/VULGARISMO
Diafrequencial	frequência de ocorrência	básico (frequente) raro	VOCABULÁRIO BÁSICO / HÁPAX LEGOMENON
Diaintegrativa	assimilação (contato)	empréstimo (nacional) vernacular	ESTRANGEIRISMO/VOCABULÁRIO NATIVO
Diamésica	modalidade	escrito (neutro) falado	ESCRITA/ORALIDADE
Dianormativa	normatividade (padrão)	... (correto) incorreto	PURISMO/BARBARISMO
Diafásica	formalidade (registro)	prestigiado/formal (neutro) informal/íntimo	ERUDITISMO/COLOQUIALISMO
Diastrática	estilo (status social)	elevado (neutro) vulgar	CULTISMO/GÍRIA
Diatécnica	tecnicidade (domínio)	... ex. Botânica ...	JARGÃO
Diatextual	textualidade (gênero)	poético (neutro) conversação	?
Diatópica	regionalidade (dialecto)	... ex. Americano ...	REGIONALISMO (Americanismo, Britanismo etc.)

Quadro 1 - Tipologia de marcas de uso em Hartmann e James

A Lexicografia é uma área dos estudos linguísticos que se volta ao registro do léxico de uma língua, tendo o dicionário como uma obra representante de sua arte e ofício. Welker (2011, p. 30-31) revela clareza ao caracterizar aspectos teóricos e práticos quando explica que

[...] a palavra lexicografia refere-se a duas atividades distintas, as quais, obviamente, resultam em produtos diferentes. Essas duas subáreas costumam ser designadas pelos termos lexicografia prática e lexicografia teórica.

Na lexicografia prática, a atividade é a elaboração de dicionários, e os produtos são os dicionários. [...] Ela é uma técnica - e também uma prática - para a qual se precisa de muita ciência (num outro sentido, a saber, “conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa”), pois quem elabora, ou compila, um dicionário tem que conhecer não somente fatos linguísticos, principalmente o léxico, como também as maneiras em que esses fatos podem ser apresentados num dicionário. Já na lexicografia teórica, cada vez mais chamada de metalexicografia, estuda-se tudo o que diz respeito a dicionários. Essa área, sim, pode ser considerada uma ciência (na primeira das acepções citadas). Seus produtos são os conhecimentos adquiridos e divulgados.

Assim, quando se opera com uma reflexão sobre marcas de uso diatópicas no âmbito de uma obra, como o *Léxico de lacunas, subsídios para os dicionários da língua portuguesa* (1914), de Afonso de Taunay, com o intuito de discutir o registro da variação linguística

em perspectiva lexicográfica, enfrenta-se um problema de lexicografia teórica, relativo à teorização de uma obra e de sua estruturação dentro de um dado projeto lexicográfico.

Por outro lado, a busca por marcas diatópicas nesse documento se mostra válida a partir da necessidade de exame de como Taunay buscou, através de estratégias lexicográficas, suprir parte das lacunas que identificava em obras do final do século XIX e início do século XX, em relação ao português brasileiro, e se informações de caráter espacial foram trabalhadas de forma sistemática, tendo em vista a percepção do autor à variação lexical e sua distribuição geográfica, como se vê a seguir.

Quem percorrer as diversas zonas brasileiras de prompto verificará a existência de inúmeras palavras autochtonas, se nos é permitida a expressão, cuja esfera de propagação se limita, muitas vezes, a um raio relativamente pequeno. Assim se dá, por exemplo com grande quantidade de termos do Norte de São Paulo que o Oeste do Estado por completo desconhece, e vice-versa. De estado a estado, embora limitrophes, a divergência no sentido de numerosas palavras, abrange latitude, por vezes extraordinária. Entre o Norte do Brasil e o Sul esta divergência é, então, imensa, freqüentemente. Correm na Amazônia centenas, milhares de vocábulos tão completamente estranhos aos bahianos, fluminenses e paulistas, quanto estes e aqueles ignoram totalmente, inúmeros dos provincianismos familiares aos rio grandenses do sul (TAUNAY, 1914, p. 10).

De modo geral, marcas de uso podem ser compreendidas como segmentos informativos da microestrutura de um dicionário que fornecem, ao consulente, as dimensões sociolinguísticas de um item lexical e suas condições de emprego, no exercício sociocomunicativo, por meio de rotulações convencionadas no âmbito do planejamento da obra lexicográfica, na macroestrutura, contando com a sensibilidade e a intenção do lexicógrafo sobre o corpus linguístico. Sobre essa relação entre léxico, uso e dicionários, Atkins e Rundell ressaltam que:

um dicionário é uma descrição do vocabulário usado por membros de uma comunidade de fala (por exemplo, por “falantes de inglês”). E o ponto de partida para essa descrição é evidência do que os membros de uma comunidade de fala realizam quando se comunicam uns com os outros (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 2, tradução nossa).

Nesse caso, o dicionário não seria um repertório inatingível e superior ao falante, mas uma representação do acervo lexical de uma comunidade de fala, aspecto que remete à terminologia sociolinguística laboviana, o que permite que se pense na dimensão dos corpora para a composição do dicionário, sobretudo da oralidade, e a necessidade de incorporação de dados sociolinguísticos relevantes quando os autores ressaltam as realizações coletivas no contexto de uma obra lexicográfica. No que tange às marcas de uso, uma perspectiva que parece dialogar com essa visão sociolinguística de dicionário é a definição trazida por Vilairinho (2017, p. 376) às rotulações, quando as descreve como “recursos lexicográficos para registrar lexemas que remetem a contextos de variação diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica, entre outras”.

Ademais, o fornecimento de informações diatópicas no âmbito de uma obra lexicográfica serve para indicar a existência de variantes em uma dada língua e associar uma unidade do léxico à ideia de espacialidade, que pode ser fundamentada pelos preceitos básicos da geografia, a partir da indicação de cidades, regiões e estados, ou por bases geolinguísticas, com referência às localidades, dialetos ou áreas dialetais, à luz de fenômenos linguísticos rigorosamente analisados e projetados em plano cartográfico, cujos domínios, não raro, ultrapassam limites geopolíticos.

No caso de dicionários do português brasileiro, percebe-se ainda uma ampla produção que tem fornecido informações diatópicas amparadas em noções geográficas, o que se observa pela quantidade de pesquisas em torno de brasileirismos e regionalismos e a carência de representatividade e critérios que possam dar suporte às rotulações. Inclusive, em pesquisa recente, Figueiredo (2015), a partir de um estudo do Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira 2ª edição-1986 e 5ª edição-2010, traz uma informação relevante para observar o problema da incorporação de informações diatópicas através de marcas de uso:

As análises dos dados demonstraram que não há critérios explícitos de inclusão dos regionalismos no Dicionário Aurélio e que os registros de regionalismos na obra privilegiam as regiões Sul e Nordeste em detrimento das outras regiões, chegando até à exclusão de algumas regiões como é o caso do Norte e Sudeste, na 5ª edição. Diante disso, constatou-se uma grande lacuna em relação ao que se considera o português do Brasil representado com as marcas de uso dos regionalismos nesta obra lexicográfica (FIGUEIREDO, 2015, p. 5).

Observe-se que a investigação em torno de marcas de uso diatópicas não constitui um objeto de investigação novo, mas uma necessidade da lexicografia contemporânea em entender como esse tipo de informação lexicográfica tem sido incorporada ao longo da história e se, de fato, tem promovido sua função básica de representatividade. Nesse sentido, pretende-se apresentar um panorama das marcas de uso diatópicas do “Léxico de lacunas, subsídios para os dicionários da língua portuguesa” (1914), de Afonso de Taunay, com o intuito de visualizar o emprego dessa categoria de informação lexicográfica, as terminologias empregadas e sua sistematicidade.

Na próxima seção, são descritos os procedimentos metodológicos para a análise das marcas de uso diatópicas no vocabulário.

QUESTÕES METODOLÓGICAS PARA A ANÁLISE DO VOCABULÁRIO

Para esta pesquisa em lexicografia teórica sobre marcas diatópicas no “Léxico de lacunas” (1914), de Afonso de Taunay, utilizou-se o arquivo digital do referido livro, que se encontra hospedado na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. O exemplar foi digitalizado em 2011 e, atualmente, integra o acervo de dicionários de língua portuguesa, permitindo não só a visualização, mas também a pesquisa textual.

O conjunto de verbetes se desenvolve da página 15 à página 223. Precedendo a nomenclatura, não há lista de abreviaturas, nem chaves de consultas que permitam iden-

tificar os recursos e as convenções lexicográficas, mas duas seções intituladas “Duas palavras” e “Bibliografia”, nas quais o autor revela as motivações para a construção da obra e, posteriormente, as fontes de pesquisa.

Em primeira instância, a metodologia consistiu na busca das marcas através de palavras-chave no documento digital; tabulação dos dados, análise e discussão. No que concerne à identificação das marcas de uso, elegeram-se palavras-chave com intuito de rastrear possíveis descrições que mobilizassem marcas de uso, que foram: *nome, termo, gíria, expressão, designação, forma, região (Norte, Sul, Sudeste, Centro-Oeste), sertão, litoral e nomes de estados*. O estabelecimento dessa estratégia lexicomática contou com a experiência do pesquisador na identificação de marcas de uso em dicionários dialetais na dissertação de mestrado *Lexicografia dialetal brasileira: o estado da arte no século XX (1920-1959)*, em que se percebeu um nível de recorrência desses termos em verbetes que continham o segmento informativo de interesse. Posteriormente, esses elementos foram inseridos na ferramenta de buscas, oferecendo um ponto de partida para a coleta dos dados.

Por último, após o levantamento, foram selecionados os verbetes que continham as marcas de uso diatópicas, dentro do que se compreende como um segmento informativo que permite indicar pertencimento do item lexical a uma determinada cidade, região brasileira ou área dialetal. Nessa fase, foram criados cinco quadros referentes às cinco regiões brasileiras, que apresentam as seguintes quantidades de artigos lexicográficos: Norte (9), Nordeste (88), Centro-Oeste (46), Sudeste (23) e Sul (11). Como resultados desse processo, foram obtidas 53 marcas diatópicas e a identificação de informações similares em definições e notas de uso, que não foram exploradas neste trabalho em função da densidade dos dados.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O exame de marcas de uso diatópicas no *Léxico de lacunas*, norteado pela busca de palavras-chave, permitiu a identificação de 177 verbetes que empregam esse recurso lexicográfico, que, quando distribuídos de acordo com as regiões brasileiras, apresentam a seguinte configuração: Norte (9), Nordeste (87), Centro-Oeste (47), Sudeste (23) e Sul (11). A partir da leitura e síntese dos dados da amostra, foram obtidas 53 marcas diatópicas. Adotou-se a distribuição dos dados por critérios geográficos, tendo em vista a própria orientação das marcas de uso a cidades, regiões e localidades.

No que concerne à região Norte, as marcas de uso associam-se a um léxico relativo à pecuária, geomorfologia e fenômenos da natureza. Em uma amostragem de 9 verbetes, foram identificadas 5 marcas diatópicas: *Amazonas, Amazônia, Estado(s) do Norte, Norte e Região do Tocantins*, conforme o quadro 2, que apresenta a listagem dos verbetes e o destaque para as etiquetas em negrito. Observe-se que *Norte* e *Estados do Norte* ocorreram duas vezes no espaço amostral.

Norte
Campeão, s. m. Cavallo com o qual os vaqueiros reúnem o gado (Norte). Ap. Lyrio Ferdinand, » O Boi «
Coteleiro, s. m. Boi manso que procura o curral (Norte). Ap. Ferdinand, « o Boi ».
Gulosa, s. f. Areia pouco consistente (região do Tocantins). Moura, ob. cit.
Hurmaua, s. f. Corredeira (Amazônia). Ap. Euclides da Cunha.
Macruarú. Planta (região do Tocantins). Moura, ob. cit.
Mutapa, s. f. Ilha que a correnteza arrasta (Amazonas). Cf. Henrique Silva, ob. cit., d45.
Puba, s. m. Boi de corte, gordo. (Est. do Norte)
Viçar, v. i. Conceber (Estados do Norte , ap. Boi. de Agricult.). « Esta vacca viçou do touro hollandez. »
Viração, s. f. Operação que consiste em collocar as tartarugas prisioneiras de pernas para o ar (Amazônia).

Quadro 2 - Marcas de uso do Léxico de lacunas, relativas à região Norte

Por sua vez, a região Nordeste comporta o maior número de verbetes com o emprego de marcas de uso, ocorrendo em adjetivos e itens que pertencem ao campo lexical de atividades pesqueiras, pecuária, vida urbana, fauna e flora, corpo humano, alimentação etc. No conjunto de 87 verbetes em que se detectou o registro diatópico relativo a esta região, foram identificadas 15 rotulações: *Bahia*, *Litoral baiano*, *Litoral sul baiano*, *Locução baiana*, *Sertões baianos*, *Sertões do norte da Bahia*, *Sul da Bahia*, *Termo corrente na Bahia*, *Ceará*, *Gíria cearense*, *Plebeísmo cearense*, *Termo cearense*, *Maranhão*, *Piauí* e *Termo empregado na Paraíba do Norte*, como bem representa o quadro 3. Convém destacar que a marca *Ceará* apresentou 29 ocorrências e *Termo cearense* 19 ocorrências, configurando-se como os rótulos de maior expressão na amostra.

Nordeste
Abreu, s. f. Abelha silvestre (Ceará) (<i>Trigona Ziegleri</i>).
Acaba novenas, s. m. Termo cearense . Desordeiro, rixador. Cf. Gustavo Barroso, <i>Terra de Sol</i> , p. 148.
Afuleimação, s. f. Briga, contenda, termo cearense . G. Barroso, ob. cit., p. 190.
Ajuntador, s. m. O pescador que mantém a rede fechada ao ser tirada (Sul de Bahia). Cf. Alves Câmara, ob. eit. p. 20.
Alvarinto, adj. Termo cearense . Alourado. Cf. Luzia Homem de Domingos Olympio, pg. 13.
Amerca, s. f. Cidade. Termo cearense . Cf. G. Barroso, <i>Terra de Sol</i> , p. 190.
Amocambar-se, v. pr. Termo cearense . Esconder-se. Cf. G. Barroso. <i>Terra de Sol</i> , p. 53.
Apadrinhado, s.m. Touro que se torna selvagem (Ceará). Ap. Lyrio Ferdinand, « O Boi »
Arapeba, s. m. Peixe marinho (Sul da Bahia), inform. partic

<p>Arapú, s. f. Abelha silvestre (Ceará) (Trigona i-afrieits).</p> <p>Arrastador, s. m. Vereda. (Sertões bahianos). Ap. « Sertões »</p> <p>Arrieiro, s. m. Irm dos tripulantes de baleeira (Sul da Bahia).</p> <p>Balgado, s. m. Espécie de baleia (Sul da Bahia) (Balenopectera rostrata).</p> <p>Bamburral, s. m. Planta labiada (Ceará) (Hyptis suaveolens).</p> <p>Baticum, s. m. Fallatorio. Altercação. Termo cearense. Cf. Luzia Homem, p. 35.</p> <p>Bar andar. s. m. Aparelho semelhante a um balanço e composto de uma taboa horizontal suspenso por cordas do mastro de certas e pequenas embarcações a vela, e onde um tripulante se installa para equilibrar a posição do barco quando ha mar grosso (Sul da Bahia).</p> <p>Batido, s. m. Tecido para redes (Maranhão). Cat. da Exp. Nac.</p> <p>Biscaia, s. f. Termo cearense. Égua. Cf. Gustavo Barroso. Terra de sol, p. 98.</p> <p>Boiote, s. m. Termo cearense. Bezerro castrado. Cf. Gustavo Barroso, Terra de sol, p. 102.</p> <p>Bordão de velha. s. f. Planta piperacea (Ceará; Cusparia macrophylla).</p> <p>Bredo, s. m. Termo cearense. Matto. Cf. Gustavo Barroso, Terra de sol, p. 103.</p> <p>Brivana, s. f. Termo cearense. Égua. Cf. G. Barroso, Terra de sol, p. 98.</p> <p>Bugi, s. m. Capinzal. Termo cearense. Cf. G. Barroso, obcit., p. 39.</p>
<p>Cabelloiro, s. m. Nuca dos animaes. Termo cearense. Cf. Luzia Homem, p. 53.</p> <p>Cabrinha, s. f. Baleote já alentado em dimensões (sul da Bahia). Cf. Alves Câmara, ob. cit., p. 99.</p> <p>Cacúlo, s. m. Covinha do queixo ? (Termo cearense). Cf. Luzia Homem, p. 13.</p> <p>Calão, s. m. Rede de pescar de malha larga (Sul da Bahia). Cf. Câmara, ob. cit., p. 19.</p> <p>Camocica, s. m. Pequeno veado (Cervus nanus). (Bahia e Minas).</p> <p>Cambito, s. m. Termo cearense, cabide. Cf. G. Barroso, Terra de Sol, p. 79.</p> <p>Capiongo, adj. Termo cearense. Macambusio. Cf. Luzia Homem, p. 242.</p> <p>Cardão, adj. Diz-se do cavahlo cujo pello é branco sujo (Ceará). Cf. Terra de sol, p. 97.</p> <p>Carombó, adj. Diz-se do boi de chifres tortos (Ceará). Terra de sol, p. 100.</p> <p>Castanheiro, adj. Errado (tratando de linguagem). Este homem fala uma língua muito castanheiro (Ceará. Ap. inform. particular.).</p> <p>Caxango, s. m. Boi de corte (Bahia).</p> <p>Caxarreu, s. m. Macho da baleia quando adulto (Sul da Bahia).</p> <p>Chamurro, s. m. Norilho castrado (Ceará; Terra de sol, p. 402).</p> <p>Cirigado, adj. Diz-se de certa côr de pelle dos bois (Ceará) Cf. Terra de sol, 100.</p> <p>Contracto, s. m. Armação para a pesca da baleia (Sul da Bahia).</p>
<p>Dama, s. f. Prostituta (Bahia, Norte de Minas, Goyaz). A Maricás é hoje dama em Uberaba. »</p> <p>Decomer, s. m. Farnel (Termo cearense). Cf. Luzia Homem, p. 58.</p> <p>Desmancha sambas, s. m. Desordeiro; valentão (Ceará). Cf. Terra de Sol, p. 148.</p> <p>Escopeiro, s. m. Instrumento usado na calafetagem dos barcos (Sul da Bahia).</p> <p>Escoteiro, s. m. Tripolante da baleeira encarregado de sua manobra (Sul da Bahia).</p> <p>Esipra, s. f. Erysipela (Ceara). Cf. G. Barroso, Terra de sol, p. 161.</p>

<p>Estradeirão, adj. Qualidade determinada da marcha do cavallo (Ceará). Cf. Terra de sol, p. 96.</p> <p>Enfusar, v. i. Encalhar; termo corrente na Bahia. Ap. informação part.</p> <p>Fabrica, s. m. Auxiliar do campeiro (Piauí).</p> <p>Facão, s. m. Pescador que retalha o cadáver da baleia (Sul da Bahia).</p> <p>Faquinha, s. m. Pescador encarregado de picar em pequenos pedaços o cadáver da baleia, retalhado em grandes pedaços pelos facões (Sul da Bahia)».</p> <p>Fecha bodegas, s. m. Desordeiro, valentão (Ceará). Cf. Terra de Sol, p. 148.</p> <p>Fubá, adj. Diz-se do boi de pello branco (Ceará.) Cf. Terra de sol, p. 100.</p> <p>Gereba, s. f. Grande arraia (sul da Bahia).</p>
<p>Humanisar, v. t. Amansar (tratando-se de animaes). Termo cearense. Cf. Terra de Sol, p. 55.</p> <p>Infuca, s. f. Tentativa (Ceará). Cf. Terra de Sol, p. 101.</p> <p>Lavarinho, s. m. Cabo empregado na pesca da baleia (Sul da Bahia).</p> <p>Maloca, s. f. Pequena boiada (Ceará, Piauí). Ap. Lyrio Ferdinando, O Boi.</p> <p>Manda lua, s. f. Ave nocturno caprimulgidea. Bacurau (Ceará).</p> <p>Maré me leva-maré me traz, s. m. Pessoa fraca sem convicções, irresoluta, moleirona. « Este homem ora liberal, ora conservador, mas sempre tão nullo e inoffensivo é um maré me leva-maré me traz. » (Locução bahiana).</p> <p>Marroeiro, adj. e s. m. Indivíduo pratico em domar touros (Ceará). Cf. Terra de sol, p. 58</p> <p>Meiocica, s. f. Subproducto da fabricação da farinha (Maranhão). Ap. Cat. Exp. Nac. Velloso, ob. cit.</p> <p>Meiuticanga, subm. Producto de fabricação da farinha (Maranhão) Cat. Exp. Nac.</p> <p>Miunça, s. f. Creação de ovinos (Ceará). Cf. Terra de sol, p. 52.</p> <p>Mondego, s. m. Tainha pequena. Littoral bahiano. Cf. Câmara, ob. cit., p. 109.</p> <p>Mucubú, s. m. Anca (do boi) (Ceará). Cf. Terra de Sol.</p> <p>Nombrada, s. f. Rasgo. « O moço obedecendo aos sentimentos generosos, numa nombrada generosa, resgatou a infeliz escrava. » Termo rio grandense.</p> <p>Obrigação, s. f. Família (Sertões do norte da Bahia). Ap. Euclides, « Os Sertões ...</p> <p>Pae de chiqueiro, s. m. (Plebeismo cearense). Bode reproductor. Cf. Terra de sol, p. 45.</p> <p>Picarro, adj. (Gir. cearense). Famoso. Cf. Terra do Sol, p. 57.</p> <p>Preseiro, s. m. Indivíduo que na fabricação da farinha maneja a prensa (Ceará). Cf. Terra de Sol, p. 70.</p> <p>Priaca, s. f. Bolsa de caça. Termo empregado na Parahyba do Norte.</p> <p>Portão, s. m. Paredão a prumo, na barranca do rio. Termo da zona do S. Francisco. Ap. Theodoro Sampaio, A Chapada diamantina ».</p> <p>Quebradedos, s. f. Cerca de ripas entrançadas (Ceará). Cf. Terra de sol, p. 65.</p> <p>Quedaço, s. m. Queda violenta (Ceará). Cf. Terra de Sol, p. 54.</p> <p>Reboleiro, adj. Velhaco (tratando-se de bois). Termo cearense. Cf. Terra de Sol, p. 45.</p> <p>Sassupema, s. m. Peixe marinho (Littoral sul bahiano).</p> <p>Repolego, adj. Arrebitado. « Venta repolega » (Ceará). Cf. Terra de Sol, p. 113.</p> <p>Roço, s. m. Orgulho (Ceará). Cf. Terra de Sol, p. 55.</p> <p>Saúna, s. f. Pequena tainha (littoral bahiano). Cf. Câmara, ob. cit., p. 119.</p> <p>Serreta, s. f. Peça da baleeira (littoral bahiano). Cf. Câmara, ob. cit., p. 66.</p> <p>Sinhanninha, a. s. (gria cearense). Aguardente. Cf. Terra de sol, p. 180.</p> <p>Tangerino, s. m. Indivíduo que se occupa em tanger gado (Ceará). Cf. Terra de sol, p. 114.</p> <p>Tenencia, s. f. Teimosia; termo cearense. Cf. Luzia Homem, p. 130.</p> <p>Terroada (Maranhão) s. f. Caminho atravez de um pantanal Ap. A. Bernardino do Lago, Itinerário ». Revista do Instituto Histórico.</p> <p>Trambecar, v. i. Tropeçar (Ceará). Cf. Terra de Sol, p. 35.</p> <p>Trunfada, s. f. Almofada de descanso dos remos da jangada. Littoral bahiano. Cf. Câmara, ob. cit.</p> <p>Vinhoneira, s. f. Determinado cabo empregado para a manobra da baleeira (Sul da Bahia). Cf. Câmara, ob. cit.</p> <p>Voragica, s. f. Modo de descaroçar o algodão (Maranhão). Cat. Exp. Nac.</p>

Quadro 3 - Marcas de uso do Léxico de lacunas, relativas à região Nordeste

O panorama da região Centro-Oeste, em termos de representação linguística, não é diferente dos demais, possuindo etiquetas que, basicamente, se associam ao campo léxico do convívio e comportamento social, vida urbana, atividades agropastoris, alimentação e cozinha, medidas etc. A partir dos 46 verbetes, foram extraídas 6 marcas de uso dia-tópicas: *Forma do Brasil central*, *Sertões do Centro*, *Goiás*, *Termo goiano*, *Termo goiense* e *Mato Grosso*, como apontam os extratos do quadro 4. Desse repertório, a marca de uso *Mato Grosso* aparece em 37 artigos lexicográficos.

Centro-Oeste
Acá, adv. Aqui (Matto Grosso). Ap. Taunay «Innocencia ».
Airar, v. i. Esfriar-se, enralmar-se (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
Anarchisar, v. t. ei. Ridicularizar (Matto Grosso). Ap. Taunay, Innocencia ».
Andar, s. m. Sobrado (Matto Grosso). Ap. Taunay, (Innocencia ».
Atilho, s. m. Feixe de espigas. (Matto Grosso) Ap. Taunay, « Innocencia ».
Bichar, v. i. Ganhar dinheiro (M. Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia».
Bicho, s. m. Cavalgadura (M. Grosso). Ap. Taunay,« Innocencia »
Bicharia, s. f. Animal (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
Botár-se, v. i. Fazer-se de viagem (Matto Grosso). Ap. Taunay, Innocencia.
Buraqueira, s. f. Lugar afastado de cidades e selvagem (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
Calaboca, s. m. Cacete grosso e curto (Matto Grosso , Ap. Taunay, Innocencia).
Carreira, s. f. Trabalho (Matto Grosso). Ap. Taunay,« Innocencia ».
Cavouqueiro, adj. Mentiroso (Matto Grosso). Ap. Taunay, » Innocencia ».
Captivo, s. m. Seixo que aos mineradores de diamantes serve de Índice da existência de pedras preciosas. Ap. Taunay, « Goyaz »
Catingudo, adj. Catingueiro, ralinguento : Forma do Brazil central . Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 68.
Chicolate, s. m. Café com leite e ovos batidos (Matto Grosso)- Ap. Taunay, Innocencia.
Defronte, adj. Diferente (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia » « O caso é inteiramente defronte, muito diverso. »
Escorraçado, adj. Arisco, arredio (Matto Grosso). Ap. Taunay, Innocencia.
Escurão, s. m. Noute fechada (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
Ganiçar, v. i. Ganir (Goyaz). Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 54.
Goso, s. m. adj. Caçador inexperiente (Goyaz). Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 16.
Immundicie,s.f. Grande quantidade. «Immundicie de povo.» Matto Grosso . Ap. Taunay, Innocencia.
Lavrado, s. m. Jóia de ouro massiço (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
Limpo, adj. Bem vestido (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
Luxaria, s. f. Fausto (Matto Grosso .) Ap. Taunay, « Innocencia ».

Machina, s. f. Grande quantidade (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
Mancha negra. Epizootia dos bovideos (Matto Grosso).
Mandury, s. f. Abelha sylvestre (Matto Grosso). Ap. Taunay, Innocencia.
Mapiagem, s. f. Tagarellagem ; falatorio (Matto Grosso). Ap. .Taunay, .< Innocencia ...
Matto, s. m. Multidão. « Gente alli é matto (Matto Grosso). Taunay, « Innocencia ».
Melado, adj. Indivíduo louro (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
Nhato. adj. Termo goyano . Prognatha. Cf. Henrique Silva-, ob. cit., pg. 71.
Obrigaçãõ, s. f. (Sertões do Centro). Mulher, esposa. < A minha obrigaçãõ era viuva quando nos casãmos.
Pequetito, adj. Pequenino. (Matto Grosso). Ap. Taunay, Innocencia.
Perdigoto, s. m. Certo typo de chumbo de caça (Goyaz). Cf. Henrique Silva, ob. cit.; p. 36.
Pinoia, adj. Indivíduo fraco e sem prestimo (Matto Grosso).
Pintado, adj. Indivíduo capaz, tt Qual será o pintado que conseguirã descobrir o paradeiro do cavallo roubado?» Matto Grosso . Ap. Taunay « innocencia ».
Posse, s. f. Área correspondentente a uma légua quadrada (Matto Grosso).
Restillo, s. m. Aguardente (Matto Grosso). Ap.Taunay, Innocencia.
Rufião, s. m. Namorador, don juan; (Matto Grosso). Ap. Taunay, < Innocencia. »
Saeta, s. f. Bebida fermentada feita com a polpa do coco burity (Goyaz, Matto Grosso).
Secundar, v. i. Responder. Ap. Taunay, Innocencia (Matto Grosso).
Shurta, s. t. Palma do coco a despontar (Termo goense)
Vãõ, s. m. (Goyaz). Valle. « O vãõ do Paranan é muito fértil e pouco salubre. »
Vasqueiro, adj. Raro (Matto Grosso) Ap. Taunay, « Innocencia.
Veleiro, adj. Vasio. Algibeiras veleiras. (Matto Grosso) Ap. Taunay, « Innocencia. »
Xivor, s. m. Cacho de coccos desembaraçado do envoltório (Termo goense).

Quadro 4 - Marcas de uso do Léxico de lacunas, relativas à região Centro-Oeste

Ademais, as caracterizações linguísticas que se atribuem à região Sudeste aparecem integradas a um vocabulário pertinente a animais, alimentação e cozinha, convívio e comportamento social e à vida urbana. A partir de 23 verbetes, foram extraídas 20 marcas de uso diatópicas: *Estado do Rio de Janeiro, Gíria carioca, Gíria fluminense, Termo frequente no E. do Rio de Janeiro, Fraseologia infantil em São Paulo, Forma usualíssima em São Paulo, Forma usualíssima no Oeste de São Paulo, Gíria do interior do Estado de S. Paulo, Em certas regiões do Estado de São Paulo, Expressão muito popular no interior de São Paulo, Expressão do Oeste de São Paulo, Gíria do Oeste de São Paulo, Gíria paulista Oeste de São Paulo, Termo do centro de São Paulo, Termo corrente no Oeste de São Paulo, Termo do oeste de São Paulo, Termo injurioso no Oeste de São Paulo, Minas e Termo do centro de Minas*, como se pode observar no quadro 5. Note-se que a área linguística relativa a São Paulo apresenta o maior número de marcas, o que entra em acordo com a própria proposta de Taunay, quando revela que uma de suas intenções é constituir um léxico de lacunas de “termos vulgares, correntes no Brazil, **sobretudo no Estado de São Paulo**” (TAUNAY, 1914, p. 7, grifo nosso).

Sudeste
Angolista, s. f. Gallinha de Angola (em certas regiões do Estado de São Paulo).
Apeançar, v. i. (Termo frequentemente empregado no E. do Rio de Janeiro). Constringir, apertar; ficar ofegante. « F... anda muito apeançado de dividas »
Baitarra, s. m. Tratante, meliante. « Este baitarra é tão velhaco que até ao próprio pae logrou. » Termo corrente no Oeste de São Paulo .
Brijaúba, s. f. Lagrima. Derrubar & brijaúba, chorar, expressão muito popular no interior de São Paulo .
Caça-foices. s. m. Indivíduo imprestável, vagabundo. Expressão do oeste de São Paulo .
Caçambeiro (gíria paulista), adj. Intrigante, mexeriqueiro.
Caicara, s. m. Caipira asselvajado e de humilde origem. Termo injurioso no Oeste de São Paulo .
Camocica, s. m. Pequeno veado (<i>Cervus nanus</i>). (Bahia e Minas).
Carne secca adj. (gir. fluminense). Indivíduo rico, sem instrução nem educação.
Cassununga. s. m. Indivíduo importuno, agressivo pedinchão, aproveitador (gíria do interior do Estado de S. Paulo); Que cassunungas! F. e os filhos ! Querem viver a nossacusta. Por analogia com os assaltos dos bandos do vespideo deste nome.
Cidade nova, s. m. (gíria flum). Indivíduo sem distincção, vulgar. « F... veste-se como um legitimo cidade nova, de um modo cafageste quanto possível. »
Cotríba, s. m. Valentão (gíria paulista)
Fedido, adj. Fedorento ; forma usualíssima em São Paulo . Esta água está podre e muito fedida. »
Gurupy, s. m. (gíria carioca). Indivíduo que em leilões faz grandes lances fictícios de combinação com o leiloeiro.
Macaio, adj. Termo do oeste de São Paulo . Ruim, imprestável, gasto.
Mafabé, adj. Indivíduo sem préstimo algum (Oeste de São Paulo).
Nanan, s. m. (fam.). Soninho. Fazer nanan (phraseologia infantil em São Paulo). Dormir.
Noruegal, s. m. Vastos terrenos de noruega. « Esta fazenda é um noruegal. » (E. do Rio de Janeiro).
Ponchirão, s. m. O mesmo que muxirão, putirom, corte, forma usual no Oeste de São Paulo .
Quico, s. m. Cigano. Aqui passou um bando de quicos com dous ursos amestrados. Termo do centro de Minas e do centro de S. Paulo .
Quissama, s. m. Pequeno jaca. (E. do Rio de Janeiro).
Tatu gallinha, s. m. Idem (São Paulo).
Tuncum, s. m. Gíria do oeste de S. Paulo . Dinheiro.

Quadro 5 - Marcas de uso do Léxico de lacunas, relativas à região Sudeste

No que tange aos registros que caracterizariam a região Sul, as indicações diatópicas se associam a adjetivos e itens que pertencem ao campo léxico do convívio e comportamento social, da vida urbana e da flora. A partir dos 11 verbetes encontrados pela pesquisa por palavras-chave, foram extraídas 7 marcas de uso diatópicas: *Termo corrente no E. do Paraná*, *Termo Paranaense*, *Rio Grande do Sul*, *Gíria de Bandidos do R. G. do Sul*, *Termo empregado no Rio Grande do Sul*, *Termo do Rio Grande do Sul*, *Termo rio grandense do Sul*, conforme o quadro 6.

Sul
Abagualar-se v. pr. Tornar-se selvagem. Termo corrente no E. do Paraná. Ib.
Caperom, s. m. Companheiro. Termo paranaense. Cf. Leão, Dicc. de brasileirismos.
Catanduval, s. m. Pinheiral. Termo paranaense. Cf. Leão, Dicc. de brasileirismos.
Pacotilha, s. f. Quadrilha de bandidos. Termo empregado no Rio Grande do Sul.
Parlapassada, s. f. Ajuste, combinação previa. « Não acredites na sinceridade das declarações de S... ; aquilo é parlapassada com o irmão de quem se pretende desligado sem o estar. » Termo rio grandense do sul.
Potrudo, adj. Feliz; favorecido da sorte, cheio de potra. tt Neste pocker ando muito potrudo; tenho ganho a valer. » Termo do Rio Grande do Sul.
Gravata vermelha, s. f. (gir. de bandidos do R. G. do Sul). Passar a gravata vermelha, degolar.
Dengue, s. m. Prostíbulo (Rio Grande do Sul). Inform. particular.
Potroso, adj. Doentio. « Este homem desde a sua operação no estômago anda sempre potroso. » T. do Rio Grande do Sul.
Potrudo, adj. Feliz; favorecido da sorte, cheio de potra. tt Neste pocker ando muito potrudo; tenho ganho a valer. » Termo do Rio Grande do Sul.
Tatuhú, s. m. Idem (Rio Grande do Sul).

Quadro 6 - Marcas de uso do Léxico de lacunas, relativas à região Sul

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, neste trabalho, apresentar um panorama das marcas de uso diatópicas do “Léxico de lacunas, subsídios para os dicionários da língua portuguesa” (1914), de Afonso de Taunay, com o intuito de discutir o registro da variação linguística em perspectiva lexicográfica. Nessa empreitada, houve a identificação de 177 verbetes que empregam esse recurso lexicográfico, que, quando distribuídos de acordo com as regiões brasileiras, apresentam a seguinte configuração: Norte (9), Nordeste (87), Centro-Oeste (47), Sudeste (23) e Sul (11). A partir da análise desses contextos, leitura e síntese dos dados da amostra, foram obtidas 53 marcas diatópicas, que podem ser distribuídas também da seguinte forma: Norte (5), Nordeste (15), Centro-Oeste (6), Sudeste (20) e Sul (7).

Adotou-se a distribuição dos dados por critérios geográficos, tendo em vista a própria orientação das marcas de uso a cidades, regiões e localidades. O quadro 7 apresenta a síntese de toda a pesquisa.

Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
Amazonas Amazônia Estado(s) do Norte Norte Região do Tocantins	Bahia Litoral baiano Litoral sul baiano Locução baiana Sertões baianos Sertões do norte da Bahia Sul de (a) Bahia Termo corrente na Bahia Ceará Gíria cearense Plebeísmo cearense Termo cearense Maranhão Piauí Termo empregado na Paraíba do Norte	Forma do Brasil central Sertões do Centro Goiás Termo goiano Termo goiense Mato Grosso	Estado do Rio de Janeiro Gíria carioca Gíria flum. Termo frequente no E. do Rio de Janeiro Fraseologia infantil em São Paulo Forma usualíssima em São Paulo Forma usualíssima no Oeste de São Paulo Gíria do interior do Estado de S. Paulo Em certas regiões do Estado de São Paulo Expressão muito popular no interior de São Paulo Expressão do Oeste de São Paulo Gíria do Oeste de São Paulo Gíria paulista Oeste de São Paulo Termo do centro de São Paulo Termo corrente no Oeste de São Paulo Termo do oeste de São Paulo Termo injurioso no Oeste de São Paulo Minas Termo do centro de Minas	Termo corrente no E. do Paraná Termo Paranaense Rio Grande do Sul Gíria de Bandidos do R. G. do Sul Termo empregado no Rio Grande do Sul Termo do Rio Grande do Sul Termo rio grandense do Sul

Quadro 7 - Síntese das marcas de uso do Léxico de lacunas

Conclui-se que a obra cumpre a proposta de proporcionar representatividade ao léxico brasileiro quando, em suas marcas de uso, busca evidenciar não só as condições de emprego de determinados usos linguísticos, mas a sua dimensão espacial. Nota-se, evidentemente, um maior destaque para a região Sudeste, mais precisamente São Paulo, mas não há de se negar um esforço em contemplar outras regiões e localidades do país, que se encontrou condicionada ao exame de uma bibliografia não especializada para a pesquisa dialetológica e notas de colaboradores. Inclusive, percebe-se uma forte influência da literatura.

Por fim, espera-se que, com o presente trabalho e resultados pertinentes ao Léxico de Lacunas, se possa contribuir para o desenvolvimento da lexicografia brasileira, sobre-

tudo com as questões da representatividade e da diversidade que tanto são discutidas no âmbito das marcas de uso.

REFERÊNCIAS

- ATKINS, B.; RUNDELL, M. **The Oxford Guide to Practical Lexicography**. New York: Oxford University Press, 2008.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BURKHANOV, I. **Lexicography: A Dictionary of Basic Terminology**. Rzeszów: WWP, 1998.
- FIGUEIREDO, V. C. **Marcas de uso de regionalismos no “dicionário aurélio da língua portuguesa”**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2015.
- HARTMANN, R.; JAMES, G. **Dictionary of Lexicography**. London: Routledge, 2002.
- NASCIMENTO, I. P. S. **Lexicografia dialetal brasileira: o estado da arte no século XX (1920-1959)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras: Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2020.
- NUNES, J. H. Léxico de Lacunas: quando a representação da língua falha. **Estudos Linguísticos**, vol. 37, n. 3, p. 61-69, 2008. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_07.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.
- TAUNAY, A. E. **Léxico de Lacunas**. Tours: Imprimerie E. Arrault et Cia, 1914.
- VILARINHO, M. M. O. Marcas de uso: estudo e proposta. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, vol. 59, n. 2, p. 375–396, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8649150>. Acesso em: 13 ago. 2021.
- WELKER, H. A. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, C. et al. **Dicionários na teoria e na prática**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 30-31.